



“O MILITAR DEMOCRATA”: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DE IMAGEM DO GOVERNO GEISEL

"THE MILITARY DEMOCRAT": ANALYSIS OF THE IMAGE CONSTRUCTION STRATEGIES OF THE GEISEL GOVERNMENT

Dryelle Dos Santos Souza¹

Resumo

O governo do general Ernesto Geisel (1974-1979), se comparado aos governos dos presidentes militares que o precederam, destacou-se por executar medidas em direção à redemocratização do país. Até então, em especial no governo de seu antecessor imediato - Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) -, havia uma constante escalada de autoritarismo, censura e violência. Dessa forma, Geisel projetou-se como o presidente que promoveria a abertura à democracia, mesmo que de forma “lenta e gradual”. Este trabalho dispõe-se a refletir sobre o referido governo sob o viés das Relações Públicas e do conceito de “populismo” com o intuito de levantar discussões sobre o uso de estratégias comunicacionais na construção de imagem de políticos.

Palavras-chave: Relações Públicas, Regime militar, Populismo.

Abstract

The government of General Ernesto Geisel (1974-1979), compared to the governments of the military presidents that preceded it, stood out for executing measures towards the redemocratization of the country. Until then, especially in the government of its immediate predecessor - Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) - there was a constant escalation of authoritarianism, censorship and violence. In this way, Geisel projected himself as the president who would promote openness to democracy, even in a "slow and gradual" way. This paper is designed to reflect on the aforementioned government under the views of Public Relations and the concept of "populism" in order to raise discussions about the use of communication strategies in the image construction of politicians.

Keywords:

Public Relations, Military Regime, Populism.

¹Aluna de graduação; Universidade Federal de Alagoas (UFAL); E-mail: dryellesansouza@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

Em meio a um enfrentamento entre diferentes inclinações internas do governo militar, variando entre aqueles que defendiam um posicionamento mais linha dura dele e dos que mantinham uma posição mais liberal, a presidência de Ernesto Geisel, quarto presidente do regime militar eleito indiretamente em janeiro de 1974 através do Colégio Eleitoral e permanecendo no poder até 1979, adotou a posição de promover uma “democracia relativa” onde alternava-se entre atitudes ora flexíveis ora autoritárias. Assumindo logo após Emílio Garrastazu Médici, este conhecido por presidir a época mais repressora da ditadura militar, Geisel acreditava na necessidade de uma distensão vagarosa para evitar que a transição brusca para a democracia trouxesse de volta o cenário de instabilidade no qual o Brasil se encontrava antes da “Revolução de 64”, modo como Geisel refere-se ao Golpe de 1964.

Tendo em vista esta conjectura, o presente trabalho objetiva analisar a construção da imagem do governo examinando a cerimônia de posse do presidente Geisel e fazendo ligação com o contexto histórico do período, buscando identificar as técnicas de Relações Públicas, propaganda política e a existência ou ausência de inclinações populistas existentes dentro de um governo que apresentava-se como militar e democrata.

A pesquisa consistiu, no primeiro momento, de leituras direcionadas e discussões sobre o tema “populismo” visando apreender o conceito e as manifestações concretas dele em governos latino-americanos. Já no segundo momento, além de adicionais leituras que abrangiam temas como história do Brasil, técnicas em Relações Públicas e propaganda política, foi executada a catalogação de matérias audiovisuais sobre o governo atribuído a cada integrante, sendo o objeto de exame deste presente trabalho o governo militar de Ernesto Geisel (1974-1979). O fragmento escolhido para reflexão é o vídeo, disponibilizados na plataforma de streaming Youtube, que figura a posse de Ernesto Geisel. Durante a análise da obra, pretendeu-se investigar a presença de falas e posicionamentos estratégicos que visavam projetar uma imagem favorável do governo perante à sociedade brasileira.



2. POPULISMO: DEFINIÇÃO E ANÁLISE HISTÓRICA

O populismo vem sendo uma parte relevante do sistema político brasileiro desde o início do século passado, decorrente de mudanças ocorridas em diversos âmbitos da sociedade. O surgimento e desenvolvimento do populismo tornou-se possível devido uma confluência de acontecimentos que transformaram profundamente as relações políticas, econômicas e sociais do país. O populismo pode ser definido como uma técnica política que busca legitimar a mesma através do apoio das massas populares que projetaram-se no cenário político brasileiro devido ao processo de industrialização do país mas que, aparentemente, não conseguiram desenvolver uma consciência de classe que torna-se possível a ação cívica independente, necessitando, então, de um intermediário que representasse-as junto ao poder.

O primeiro evento apontado como relevante para a formulação do populismo é o colapso do Estado Oligárquico, caracterizado pela concentração de poder nas mãos de uma pequena elite que centraliza tanto a atividade econômica quanto a atividade política e a social, sendo esta forma de governo especialmente observável no ambiente rural. Devido à industrialização e modernização do país, as novas camadas sociais surgidas em decorrência destes fizeram clamores por um modo de governo livre da tradição do coronelismo e da troca de favores.

A Crise de 1929 também mostrou-se relevante na decadência das oligarquias brasileiras. Sendo a economia mundial uma rede interligada onde a menor perturbação pode provocar efeitos nos elementos pertencentes a mesma, o Brasil, que sustentava-se principalmente da agroexportação para os países mais afetados pela Grande Depressão, viu a demanda de seu principal produto, o café, cair drasticamente, sendo confrontado com a real necessidade de manter um estímulo contínuo da economia interna, adotando uma posição protecionista da mesma, investindo no setor industrial e afastando-se da prática rural, com intuito de se desvencilhar das instabilidades do capitalismo.

Com o declínio do Estado Oligárquico e a expansão do setor industrial, surge uma nova conjuntura na cidade, que recebeu grande contingente humano provindo do êxodo rural, ou seja, da migração do campo para a cidade em busca de oportunidades nas indústrias, que se irá somar a burguesia nacional e ambas não possuirão coesividade suficiente para exercer o poder por si mesmas em face da decadência das oligarquias necessitando, dessa forma, da intermediação do Estado. Segundo Ianni (1989, p. 31):



“(…) As massas urbanas são apresentadas como elemento passivo, manipulado de cima, apesar de serem parte integrante de movimentos, partidos ou governos populistas. Isto parece uma contradição de termos. Na medida em que o populismo se funda na aliança de classes - e este é um conteúdo essencial do seu policlassismo - deve haver algum tipo de barganha entre as classes da coalizão. Em vários casos, a barganha consiste no seguinte: enquanto a burguesia e a classe média aumentam a sua participação da renda nacional, o proletariado urbano aperfeiçoa as suas organizações de classe ou aumentam a sua experiência política.” (Ianni, 1989)

Incapaz de exercer o poder por conta própria, o status quo busca legitimação perante as massas populares através da execução de um pacto entre as classes. Entretanto, o mesmo não é igualitário. O status quo assume uma posição dominante e manipuladora em relação às massas populares que, supostamente, assumem uma posição submissa e passiva. Para manter a aliança entre eles, o dominante tem que atender algumas das demandas do submisso. Ademais, populismo pode ser personificado na figura de um líder carismático que, apesar de seus laços serem mais fortes com o status quo, tenta incutir nas massas populares a noção de “povo”, onde todos usufruem de uma posição equitativa. Contudo, devido a sua ligação com o segmento dominante, este líder está fadado a trair o segmento submisso quando suas exigências forem de encontro com os desejos do status quo.

Em oposição à concepção passiva atribuída às massas populares até este ponto do texto, Ernesto Laclau (2005) expressa que povo surgiria a partir da diversidade das demandas sociais e, mesmo que nem todas sejam atendidas, a própria diversidade é um ato significativo por si só uma vez que, quando as demandas se assomam, o status quo é obrigado a escutá-las, afastando a ideia de uma massa desorganizada e passiva. O populismo, para o autor, apresentaria-se como uma técnica que visa a manutenção da política através da limitação da participação do povo na mesma, impedindo sua ascensão através da revolução assim como evitando a racionalização extrema do Estado que o reduziria a mero órgão administrador da sociedade, desprovido de aspecto político.

3. GOVERNO GEISEL: POSSE, CONTEXTO HISTÓRICO E A ABERTURA LENTA E GRADUAL EM DIREÇÃO À REDEMOCRATIZAÇÃO

Ernesto Geisel tomou posse da presidência do Brasil em 15 de março de 1974 em uma suntuosa cerimônia repleta da presença de figuras ilustres. Um fragmento audiovisual encontrado na plataforma Youtube, trazendo o símbolo do Arquivo Nacional, mostra a cerimônia de posse do general Geisel e seu vice-presidente, o



também general Adalberto Pereira dos Santos. Chegando ao Palácio do Congresso, onde foi executada a solenidade, ambos são recepcionados pelos convidados que se mantêm de pé e aplaudem efusivamente. O narrador Ronaldo Rosas detalha os acontecimentos sendo expostos na tela com auxílio musical retumbante que imprime um sentimento de poder as imagens.

Os novos dirigentes do país prometem defender a Constituição assim como prezar pelo bem estar de todos os brasileiros. Após o fim da sessão, Geisel anda sozinho, com uma postura de superioridade, entre as fileiras do Batalhão Presidencial. Na próxima cena, Geisel sai do Rolls Royce presidencial em direção ao Palácio do Planalto, acompanhado de perto por sua esposa e filha, para a cerimônia de transmissão de poder. O narrador destaca, no discurso do presidente Médici, a menção à estabilidade do governo. Após elogiar seu sucessor, Médici coloca a faixa presidencial em volta de Geisel sob aplausos, abraça Geisel e dá espaço no púlpito para ele fazer seu discurso. O tom principal dele é marcado pelo nacionalismo característico da época e o presidente recém-empossado frisa que, desde da “Revolução de 64”, o Brasil passou a confiar em sua habilidade de tornar-se o país que estava destinado a ser e se direcionava a um futuro grandioso. As diretrizes máximas da nação seriam o desenvolvimento e a segurança.

Finalizado seu discurso, Geisel parte para cumprimentar, agora sob uma versão instrumental e pomposa do hino nacional, a procissão de espectadores que esperam para apertar sua mão. Entre eles, o futebolista Pelé, os presidentes da Bolívia Hugo Banzer; Chile, Augusto Pinochet; Uruguai, Juan Maria Bordaberry; a primeira-dama dos EUA, Patrícia Nixon assim como representantes da Igreja e os governadores dos estados brasileiros. A narração aponta toda a elegância apresentada no evento e é finalizada citando a missão, delineada pelo próprio Ernesto Geisel em seu discurso, “de levar avante o legado superior de consciência cívica e pragmatismo criador deixado por seus antecessores inspirados no ideário da ‘Revolução de Março de 64’”.

Analisando esta produção audiovisual de uma perspectiva histórica e das Relações Públicas, é possível perceber conexões com cenário no qual o Brasil se encontrava à época. Começando pela menção ao bem-estar de todos os brasileiros, o tema de qualidade de vida da população era um tema recorrente na retórica de Geisel, acentuando seu apreço pela justiça social e visando diminuir as diferenças regionais



que impediam o crescimento coletivo do país. O nacionalismo, caracterizado pela priorização dos interesses da pátria e um forte sentimento de patriotismo, foi uma presença constante durante todo o regime militar. No governo Geisel, esta ideologia pode ser percebida além do âmbito político uma vez que ele não desfrutou do “milagre econômico”, época de crescimento marcante do governo Médici obtido através da injeção de capital internacional no país e da modernização tecnológica.

Entretanto, a contração de uma exorbitante dívida externa e a evolução da crise mundial do petróleo, devido ao aumento de seu preço decorrente da criação da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), acabou impactando diretamente a economia mundial assim como diminuindo significativamente o número de exportações do Brasil. Em consequência, o país viu-se em uma crise econômica que seria herdada por Geisel. A posição adotada por seu governo foi a de contenção de créditos e salários, ênfase no desenvolvimento nacional das indústrias de base e de bens de capital assim como uma alternativa ao uso de petróleo, incentivando a construção de hidrelétricas e pesquisas sobre energia nuclear.

Quanto à segurança apontada por Geisel como fundamental para o crescimento do país, pode-se adotar como referência a conjectura interna vivida pelo país à época. Apesar da proposta de abertura à democracia, o governo Geisel não isentou-se de engajar em atitudes autoritárias e atos violentos. O próprio governo lidava com a instabilidade visto que havia um embate entre a corrente mais linha dura que opunha-se a abertura e a mais liberal que a apoiava. Nas medidas tomadas por Geisel, é possível perceber as contradições em seu governo, sendo as mais relevantes a citar: a extinção do Ato Institucional 5, decretado em dezembro de 1968 pelo governo Médici e endurecia a censura e a perseguição política assim como permitia ao presidente intervir diretamente nos Estados e municípios; e a cessação gradual da censura.

Entretanto, essas ações traziam, respectivamente, ressalvas como a prerrogativa governamental de executar prisões extrajudiciais e executar a lei de segurança nacional assim como a interrupção da censura apenas em veículos de comunicação de grande porte. Ademais, a liberação e divulgação de um documento datado de abril de 1974, por parte do Departamento de Estado dos EUA, constava o conhecimento e aprovação de Geisel em relação ao assassinato de pessoas “subversivas perigosas”.

Considerando essa dicotomia, é perceptível a necessidade de estratégias que visassem manter o controle obtido até o momento sob a população assim como apaziguá-los em relações as contradições do governo. Visto que as Relações Públicas tem como princípio básico a harmonização de públicos para viabilizar a manutenção e desenvolvimento de uma instituição, é compreensível a atenção que foi direcionada a ela por parte do governo. Interessado em projetar uma imagem favorável para o povo que o projetasse como forte, unido assim como justo e comprometido com a transição para a democracia, o governo voltou-se para as técnicas de Relações Públicas com intuito de convencer os brasileiros de que, mesmo em meio à crise econômica e social, o país continuava prosperando e caminhava em direção a um futuro de glória.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir esta análise, é necessário retomar a definição do fenômeno populismo adotada ao longo deste trabalho. O populismo pode ser definido como uma técnica política que busca legitimá-la através do apoio das massas populares que projetaram-se no cenário político brasileiro devido ao processo de industrialização do país mas que, aparentemente, não conseguiram desenvolver uma consciência de classe que torna-se possível a ação cívica independente. Também faz parte da retórica do populismo, além do nacionalismo, a ideia da cidadania tutelada já que o povo não apresenta-se de forma coesa o suficiente para se engajar de forma autônoma na política uma vez que insiste-se na ideia de que a sociedade é pouco capaz e, portanto, o Estado deve ser forte.

Nessa interpretação, a contrapartida da fragilidade ou incompetência da sociedade civil é o Estado autoritário (Ianni, 1989, pág. 133). Quando o status quo começa a crescer temerário da participação política das massas populares, as alianças entre classes, valendo mencionar em destaque a burguesia nacional, a igreja e a alta hierarquia militar, surgem como forma de interromper este processo. Esta conjectura permitiu a instalação de diversos governos militares na América Latina e não foi diferente no Brasil.

Entretanto, quando o regime militar tornava-se cada vez mais insustentável devido a confluência de segmentos que clamavam pela democracia, o discurso alterava-se para a abertura, ressaltando que de forma “lenta, gradual e segura.” Dessa maneira o



processo democrático fica sob controle, limitado, em conformidade com os interesses do bloco de poder que serviu de base à tirania e prevalece mais ou menos intocado no tempo da “democracia” (Ianni, 1989, pág. 133). Levando em consideração o caso específico do governo Geisel, é possível notar traços do fenômeno populista uma vez que ele necessitava cada vez mais da legitimação de seu poder através do apoio do povo, o qual tentou obter através de técnicas das Relações Públicas, portando-se como a entidade que promoveria a redemocratização do país adotando, paralelamente, uma figura paternalista em relação à população que governava por acreditar que eles eram incapazes de lidar adequadamente com a experiência democrática.



REFERÊNCIAS

- Chefe da CIA disse que Geisel assumiu controle sobre execuções sumárias na ditadura.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/05/chefe-da-cia-disse-que-geisel-assumiu-controle-sobre-execucoes-sumarias-na-ditadura.shtml>. Acesso em: 30 de junho de 2018.
- COUTO, Ronaldo Costa. **História indiscreta da ditadura e da abertura: Brasil: 1964-1985.** Editora Record, 1998.
- FERREIRA, Jorge. **Populismo e sua história: debate e crítica.** Editora Civilização brasileira, 2001.
- IANNI, Octavio. **A formação do Estado populista na América Latina.** Editora Ática, 1989.
- LACLAU, Ernesto. **O retorno do “povo”: razão populista, antagonismo, e identidades coletivas.** Revista de Ciências sociais, p. 09-34, 2005.
- MARQUES DE MELO, José. **Populismo e comunicação.** Editora Cortez, 1981.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. **História: geral e Brasil.** 1ªEd. Atual Editora, 2003.
- Posse do Presidente Ernesto Geisel (1974).** Brasil, 7 minutos, 1974. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=To4gg0oOJXw>. Acesso em 30 de junho de 2018.
- WEFFORT, Francisco C. **O populismo na política brasileira.** Editora Paz e Terra, 2003.